



TRIBUNA Livre

30
MARÇO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DE REDACÇÃO: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR III 6X113 - AMARES

E' hoje empossado, no alto cargo de Governador Civil do Porto, O SR. DR. ELÍSIO PIMENTA

Confirmando as notícias particulares que tinham chegado ao nosso conhecimento, os jornais do passado domingo anunciaram a nomeação do Sr. Dr. Elísio Pimenta para o cargo de Governador Civil do Distrito do Porto.

É, desta forma, feita justiça às altas qualidades de homem e de político que adornam aquele que desempenhava, com apuro e dignidade, as funções de Presidente da Comissão Distrital da União Nacional de Braga e que se distinguira no

nosso meio pela nobreza do seu carácter e pelo seu espírito activo e realizador. Braga perde um homem

que se lhe dedicara inteiramente e que nas suas múltiplas actividades fora causa de muito progresso moral e material.



O SR. DR. ELÍSIO PIMENTA

(Continua na 6.ª página)

RECORTES

Secção de ODECAM

Voracidade de Victor Hugo

O autor de «Os Miseráveis» foi, também, um excelente gastrónomo

Victor Hugo podia ser considerado o mais voraz, entre mil convivas assentados a uma mesa gigantesca. Em um cabaret, que adquirira certa celebridade na época romântica e onde ele costumava encontrar-se com Balzac, Eugene Sue, Dumas pae, David d'Angers, o cabaret da velha Sager, nas margens do Marne, frequentado por raparigas e estudantes, o grande romancista, muitas vezes, devorou calmamente, quasi a metade de um carneiro assado...

—O perú, costumava dizer, é um animal ridículo: é demais para um e não é bastante para dois. Theophilo Guauthier procurou explicar a maneira estranha como o autor da «Legenda dos séculos» compreendia a significação da palavra

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

Continuação do número anterior

Para terminar o presente capítulo, diga-se a verdade que não tem um simples plebéu a louca pretensão de corrigir o marquês em quem, segundo um seu biógrafo, «tanto podiam os outros nele aprender letras, como aprender virtudes».

A sua obra suscitou reparos e comentários de muitos críticos, quando afinal nunca teve outro fim em vista que não fosse o de encarecer o valor e mérito de seus antepassados, e os seus próprios, aos olhos dos soberanos de Castela, que sempre reconheceu como verdadeiros usurpadores da sua querida pátria.

SÁ DE MIRANDA Poeta-Lavrador

II

Dois Homens, a quem este termo se aplica na sua verdadeira acepção, buscaram, em momentos relativamente

(Continua na 6.ª página)



SÁ DE MIRANDA

Salvação do património artístico amarense

Em lugar de se proceder a um consciencioso salvamento do que ainda resta do muito que nos fala do glorioso passado deste discutido recanto do Minho, está a reincidir-se no imperdoável marasmo que caracterizava outras épocas e que actualmente não tem justificação, nem para as autoridades concelhias, nem para a Direcção Geral dos Monu-

mentos e Edifícios Nacionais.

Seja como fôr, é necessário fazer uma revisão dos valores pertencentes ao património artístico amarense, porque o merece, devido ao alto significado que os seus velhos monumentos encerram.

Cada um destes vetustos padrões contém páginas de história nacional e alguns deles projectam-se através de toda

a história, numa impressionante continuidade de heroísmo que prende a admiração dos mais incrédulos e entusiasma e rejubila os optimistas.

Um dos nossos monumentos que mais despresado se encontra e que, não pelo valor artístico, mas pelo quanto encerra de histórico, seria o que maior carinho deveria merecer, é o SOLAR E HONRA DE VASCONCELOS.

As suas ruínas tendem a desaparecer pela profanação dos homens e pelo impiedoso desgaste do tempo, que durante séculos nele exerceram a sua influência destruidora, sem que alguém a isso obstasse, nem mesmo os grandes homens cuja genealogia aqui assenta e que tão vincadamente, com inexcusável competência e amor aos valores da sua terra, Domingos M. da Silva focou na MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES, que em boa hora se prontificou a elaborar e que vai continuando, não só com competência, mas em alguns casos com arrojado saber.

E' bem tempo de fazer uma séria revisão dos valores artísticos, a par da análise histó-

(Continua na 3.ª página)

A SENHORA DA ABADIA VAI RECEBER as oferendas de todo o concelho

numa manifestação que se prevê grandiosa

Apróxima-se o dia em que todos vão mostrar o amor e a devoção pela Milagrosa Senhora da Abadia.

É já na próxima sexta-feira que a Senhora vai receber, de braços abertos, os donativos oferecidos pelos seus fieis.

É um dever de bom cristão e de bom patriota, contribuir, na medida das suas possibilidades, para o engrandecimento do Real Santuário de Nossa Senhora da Abadia e não deixar desvanecer a fé e devoção por tão Milagrosa Senho-

ra, porque Ela de tudo é digna e tudo nos há-de retribuir.

Não esqueçam, estimados leitores, que já nos princípios do século XII (Doze), o Bravo D. Afonso Henriques primeiro Rei de Portugal, veio ajoelhar-se aos pés da Virgem Senhora da Abadia, pedindo auxílio para os seus soldados que travavam as pugnas de onde havia sair a fundação da nossa Nacionalidade. Assim, concluímos que a devoção pela Senhora da Abadia já conta alguns sé-

Continua na 3.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

As Abelhas Sua irritabilidade

Por Avlis

(Continuação do número anterior)

A irritabilidade das abelhas tem, por mais de uma vez, sido aproveitada, com o melhor êxito, como meio de defesa. Numa narrativa de viagens na América, vê-se que a mulher de um colono, vendo a casa atacada por um bando de indianos, em ocasião que o marido não estava em casa teve a presença de espírito de atirar sobre os assaltantes uma colmeia de abelhas, o que os pôs imediatamente em fuga.

Della Rocca, no seu tratado completo sobre as abelhas, escreve o seguinte a este respeito.

Um pequeno corsário de quarenta a cinquenta homens de equipagem, e tendo a bordo algumas colmeias de barro cosido de que setinha mudo proposadamente nas ilhas vizinhas, e conservava cuidadosamente fechadas, formou o projecto de abordar uma galera turca, que perseguia e onde havia quatro centos a quinhentos homens.

No momento do ataque atirou as colmeias do alto dos seus mastros para dentro da galera, onde quebrados os receptáculos em mil pedaços deram liberdade às abelhas—que saíram furiosas das colmeias onde as tinham retido presoneiras durante tanto tempo.

Os turcos que ao princípio tinham olhado a aproximação do corsário com ar de desprezo e que não esperavam de forma alguma uma taque de uma espécie tão singular, vendo-se sem defesa contra a a picadura dos pequenos mas terríveis insectos, ficaram tão aterrados que só pensaram em pôr-se ao abrigo do seu furor; a equipagem do corsário, porém, que se tinha pervenido com luvax e uma espécie de máscara, lançou-se sobre eles a golpes de sabre apoderando-se da galera quase sem resistência. Os espanhóis, diz o Sr. Pingeron, experimentaram o furor das abelhas no cerco de Tanly.

Quando se dispunham a dar o assalto à praça os cercados guarneceram as brechas com colmeias, sendo impossível aos assaltantes passar além delas.

Amurat, imperador dos turcos, tendo cercado Alblá Creque, e destruído os baluartes que a defendiam, encontrou, ao ordenar o assalto definitivo, as brechas defendidas por abelhas, cujas colmeias tinham sido trazidas por os cercados para as ruínas. Os panizeros, apesar de serem a milícia mais

valente do império otomano, não ousaram transpôr o obstáculo que lhes opuseram. Schwrinfurte consta, na narrativa da sua viagem em África, que a corda que lhe arrastava o barco pelo Nilo a cima, tombou, por acaso uma colmeia cheia de abelhas que furiosas, atacaram os passageiros do barco, ferindo-os a todos, e em especial a dois negros, que morreram em virtude das picadas. Na batalha de Sadowa, em 1866, um obus, atirado pelos canhões austríacos, caiu em uma casa ocupada pelos prussianos, e deitou por terra uma grande porção de colmeias que ali havia. As abelhas atiraram-se aos cavalos e aos soldados, de tal forma, que dois homens e muitos cavalos morreram em poucas horas, e a maior parte dos soldados tiveram de baixar à enfermaria, onde estiveram em crurativo durante semanas.

Conheça as abelhas e sua utilidade, através deste semanário.

(Continua)

O seu jardim

Faça as fertilizações necessárias. As plantas de bolbo pedem muita matéria orgânica, as roseiras agradecerão uma boa adubação fosfatada, as sebes só lucrarão com um pouco de azoto.

Limpe os ensaibrados e sache cuidadosamente as ervas daninhas nos canteiros.

Plante escalonadamente os seus «bolbos» de gladiolo. Assegure a frescura e a beleza dos seus interiores durante um largo período, em troca de uns poucos cuidados e de um mínimo de cuidados. Não se esqueça de que as hastes floríferas devem ser sachadas e quanto maior for o compasso entre as covas maior serão as flores.

Divida a reenvase as suas orquídeas. Uma mistura em partes iguais de musgo branco e de «osmunda» (um feto muito comum nos velhos muros), miudamente picados é um ótimo meio para amaio-ria das espécies.

Conserve a mistura constantemente fresca, mas não encharcada.

Castas de videiras

Cada casta de videiras somente revela as suas boas qualidades no meio que mais lhe convém.

Assim, cada região tem as suas castas tradicionais e corre grave perigo todo o viticultor que faça introdução de castas de outras regiões, sem que previamente se tenha certificado da sua adaptação à nova região.

Uma casta pode numa determinada região revelar óptimas qualidades, mas transferida para outra revelar-se medíocre.

Cada casta, independentemente dos caracteres gerais que lhe imprime o meio em que é cultivada, tem outras especiais, que lhe são próprias, as quais são transmitidas aos vinhos que delas derivam. Assim maduros, dão vinhos mais ricos em ácidos do que quando cultivadas nas suas regiões próprias.

Desta forma, certas castas dão vinhos ricos em álcool, mas pobres em ácidos, outras há que dão vinhos menos ricos em álcool, duros, mais ou menos adstringentes, outras produzem vinhos perfumados e outras ainda têm a possibilidade de dar vinhos mais gasosos.

Os bons vinhos resultam de

uma criteriosa combinação de castas.

Está, porém, contra-indicada a cultura de muitas castas diferentes, pois que os bons vinhos de fama mundial resultam da cultura de uma, duas ou três castas sendo sempre uma a fundamental.

As castas fundamentais da Região dos Vinhos Verdes são:

Vinhão
Borraçal
Espadeiro
Azal

As castas brancas têm menos generalização, devendo atender-se apenas às indicadas para as sub-regiões.

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

Visado pela censura

Também as plantas aquáticas (nos lagos e nos aquários) precisam de cuidados, agora que estamos na Primavera e os dias ensolarados e quentes. Limpe-se de órgãos apodrecidos ou quebrados da vegetação excessiva. Reenvase e divida as plantas do género nenúfar.

As relvas agradecerão também uma boa mas suave adubação azotada, agora que o perigo das geadas já diminuiu. Aplicações parcelares de 10 gramas/m² de nitrato do Chile ou 5 de Ureia serão suficientes, por aplicação.

Por que não...

Fazer a poda em verde nas fruteiras em formação?

Deixem-se as árvores «puxar» bem e, logo que os lançamentos necessários encontrem desenvolvidos, suprimam-se todos aqueles que são nitidamente excedentes.

Não esqueçam, porém, que se deve dar uma larga margem para prever qualquer acidente vegetativo—suprimam-se só os rebentos que não possam vir a fazer falta, descarregando a árvorezinha de «bocas» inúteis, que só iriam enfraquecer os lançamentos que realmente interessam.

Aproveitar os ensinamentos alheios, frutos da observação e do estudo?

Observe cuidadosa e desapassionadamente os campos de demonstração de milhos híbridos e forragens, os pomares industriais, os silos e nitrinas que se vem construindo. Aprecie os trabalhos que se estão realizando, e verá que as vozes derrotistas e destrutivas poucas razões têm de ouvir-se, pois muito e honesto labor se está desenvolvendo em

benefício da Lavoura.

Recorrer à assistência técnica especializada?

Se já não vai ao barbeiro para tratar uma pneumonia ou operar uma apendicite — por que orienta a sua exploração pecuária ou agrícola por normas medievais? Tem assistência técnica gratuita e sempre pronta — e esquecê-la é desprezar uma ferramenta preciosa...

Princípios fundamentais para a realização das tosquias em boas condições técnicas

A tosquia é uma operação quando realizada em más condições é capaz de inutilizar as lãs de melhor qualidade. Não se compreende por isso mesmo que o lavrador português, que bastante se tem preocupado com o melhoramento dos seus rebanhos, quer comprando bons reprodutores, quer seleccionando os malatos e malatas que deixa para cria, não ligue a devida importância a este trabalho que, parecendo simples por de todavia prejudicar a qualidade das melhores lãs.

Havendo necessidade de tirar o maior rendimento possível das lãs produzidas em Portugal, impõe-se que os lavradores portugueses se habituem a realizar as tosquias com a preocupação de obter «qualidade, limpêsa e rendimento», condições fundamentais duma boa operação.

Para conseguir esta finalidade precisam de ter em consideração estes três pontos fundamentais:

- Cuidados a ter com os animais antes da tosquia;
- Cuidados a ter com a forma como deve ser realizada a tosquia;
- Cuidados a ter com os velos depois de tosquiados.

Na próxima página agrícola do nosso jornal, explicaremos estes pontos essenciais sem os quais não se poder tirar o maior rendimento.

Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

TRIBUNA do CONCELHO

Salvação do património artístico amarense

(Continuação da 1.ª página)

rica a que se está a proceder na Monografia do Concelho, promovendo-se para isso as diligências indispensáveis à restauração dos valiosos padrões históricos que o passado glorioso das Terras de Entre Homem e Cávado nos deixaram a atestar o heroísmo e a crença do seu povo e a nobreza dos seus guerreiros e Senhores.

Dada a extraordinária revisão histórica que está a ser feita, dispensamo-nos de quaisquer considerações neste sentido para justificar a intervenção das autoridades sobre este momento assunto, cada vez mais necessitado dos olhares de todos os amarenses de responsabilidade.

Lembramos apenas que, troféus de nobreza como Amares possui, não se encontram tão profusamente em qualquer parte; e por evocarem como a Abadia, Bouro e Vasconcelos, períodos históricos que veem desde a independência do Reino e mesmo anteriormente à fundação da nacionalidade, merecem a maior veneração e respeito.

As torres de Dornelas e do Crasto, ramificações de Vasconcelos, os túmulos de Sá de Miranda e do Marquês de Montebelo, a Tapada e o Convento de Rendufe, são outros tantos títulos de glória que Amares compete não só enaltecê-los, mas também honrar com o respeito que merecem as coisas eternas, por fazerem parte do histórico passado de Amares e da Nação.

Se formos a analisar cada um destes locais deparamos com o abandono e em alguns casos com o completo esquecimento, e outros com a completa ruína, como no caso dos Vasconcelos e na Torre de Dornelas, miseráveis sinais de inconsciência cívica de sucessivas gerações que os deixaram afundar. Na época de ressurgimento que atravessamos está a seguir-se em alguns casos as pisadas de antanho, nos casos especiais de Rendufe, Bouro e túmulos de Sá de Miranda e do Marquês de Montebelo.

Como nas colunas deste semanário já foi chamado a atenção para o caso de Rendufe, o próprio Estado ao querer defender os valores artísticos deste importante repositório de arte, com a morosidade que está pondo na conservação do Convento, concorre para a sua ruína; e é curioso que não faz nem deixa fazer: concordamos inteiramente com a severa ordem de não deixar adulterar a pureza artística, mas protestamos enérgicamente contra a demora, que está a ser causa de ruína, com a agravante de ser edifício aberto ao culto.

Seria incorreto falar sómen-

te de Vasconcelos e por isso abrimos um parêntesis para recordar outras tristezas do panorama artístico amarense, mas não queremos terminar sem erguermos mais um olhar de compaixão para estas confrangedoras ruínas que bem mereciam a atenção da Direcção Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais.

Tão a propósito como em Rendufe viria aqui, para já, a ordem severa de não poder tocar-se nos restos do Solar, e seguidamente estudar-se-ia o meio de restaurar esta Casa Mater das mais nobres famílias do Minho.

Deste edifício, que deveria ser a autêntica Casa do Minho, faça-se ao menos uma —modesta ou opulenta— biblioteca-museu, conforme quizerem e já ouvimos citar ao próprio Autor da Monografia, mas o que não pode é continuarem estas sagradas ruínas a servir de campo à era e ao silvado e de vergonha para quem não dá um passo para o restauro desta reliquia, assim defluída numa passagem da Monografia:

«Se a Torre-solar de Vasconcelos é uma extensão dos senhores de Lanhoso, e foram ricos homens e d'alto sangue (Conde D. Pedro), as torres de Dornelas, Assamaça, Castro, Soutelo, Penagate, Azevedo... dentro e fora dos limites de Entre Homem e Cávado, são ramificações de Vasconcelos, numa vasta projecção que alcança os melhores solares de Portugal e da Espanha, chegando a alcançar os próprios troncos.»

Vasconcelos é Honra!, como se declarou na Monografia ao terminar o capítulo próprio.

E nós acrescentaremos que «honra lhe seja feita», restaurando as suas ruínas muito preciosas e dando-lhe o lugar que lhe pertence.

EME

Senhora da Abadia

(Continuação da 1.ª página)

culos de existência e que, ser devoto de tão milagrosa Senhora, é dever de bom patriota.

Esperamos, portanto, que ninguém falte no dia 5 de Abril, com o seu donativo para a Virgem Senhora da Abadia.

Raparigas: Mostrai o vosso brio; vesti os vossos trajes regionais e engalanai os vossos cestos, para neles conduzires as ofertas à Senhora da Abadia. Ela estará exposta na Igreja de Bouro, para receber todas as ofertas e abençoar os vossos lares. O Seu Celestial Manto há-de cobrir sempre os que d'Ela não se esquecerem.

Com o auxílio de todos, Abadia há-de brilhar.

J. Fernandes

Jejum e Abstinência DE 5 DE ABRIL

Por Sua Exa. Revds. Senhor Arcebispo Primaz de Braga, foi dispensado o jejum e abstinência de 5 de Abril, a todas as pessoas que nesse dia se deslocarem a Bouro, para assistir ao recebimento das ofertas para Nossa Senhora da Abadia.

António F.

Vida elegante

Aniversários

Quarta-feira—O Snr. Octávio Pereira Machado;

Quinta-feira—O Snr. Candido Alberto Pinheiro, de Figueiredo.

Sábado—A gentil menina Maria da Conceição Gonçalves.

Noticias pessoais

No próximo dia 3 de Abril, embarca para o Ultramar (India Portuguesa), o nosso conterrâneo e amigo Snr. José Joaquim Peixoto, furriel no quartel de Tancos.

Desejamos-lhe, sinceramente, boa viagem e feliz regresso.

NECROLOGIA

Falecimentos

Na Freguesia de Bouro—A Snra. Maria Emilia da Silva, com 69 anos de idade, no passado dia 21 do corrente;

Na freguesia de Ferreiros—A Snra. Ana de Jesus da Rocha, com 77 anos de idade no passado dia 22 do corrente; e o menino José Rodrigues da Costa, com 3 anos de idade no passado dia 27 do corrente;

Na freguesia de Fiscal—A Snra. Teresa da Silva viúva no passado dia 28 do corrente;

A Primavera

As árvores vão-se cobrindo com ramagem macia e verde pálida, recessas do mau tempo que se vai fazendo sentir. Contudo, as andorinhas chegaram!

Não muito mas, inebria-nos já, o doce e suave perfume desta tão querida como inegalável estação do ano.

O Minho não tardará a vestir, com garbo, o encantador e homofilo manto verde cravejado de flores, quais pedras preciosas ornando os lendários mantos dos príncipes

encantados.

Do local onde escrevo, vejo, nuvens negras extemporâneas, ameaçando chuva.

Não tardará que mais uma vez, sintamos o sol ameno tão desta quadra. Assim sendo, boas, colheitas se avizinham! Lindos sonhos se tornarão realidade trazida, em breve, até nós pela Primavera, com a sua alegria natural, em íntima ligação com os nossos desejos... Assim seja -

quando se lhes diz que uma nota branca vale duas pretas.

No clube

—Já não há quem veja o teu amigo Faria. Que é feito dele?

—Está para casar, e agora passa todo o tempo de que dispõe, em casa dos pais da noiva.

—Sim compreendo; prisão preventiva, bem seil!

Entre amigos

—É como te digo. Foi a minha sogra que fez com que eu deixasse de beber vinho...

—Terás assim tanta consideração por ela?

—Não. É que de cada vez que me embriagava, via duas...

HUMORISMO

Impossível

—Pois é como te digo, é impossível ensinar música às pretas:

—Ora porque se zangam



Procissão do Sr. dos Passos

Rendufe—Amares

É no dia 6 e 7 do próximo mês de Abril, que se realizam a tradicional procissão do Senhor dos Passos em Rendufe, a maior do arcebisado no género.

No sábado à noite, dia 6, pelas 18 horas, terá lugar a procissão das velas, saindo da capela de S. Sebastião para o mosteiro.

No domingo, dia 7 às 16 horas, sairá do grandioso mosteiro, findo o sermão da saída, uma magestosa procissão onde se incorporarão centenas de figurados, representações de vários organismos, autoridades representativas do concelho, miríflissimo clero, etc, etc.

No largo das Neves haverá o sermão do encontro feito por um distinto orador sagrado, que será ouvido por milhares de pessoas, onde a verónica cantará o «O VÓS OMNES».

Todos estes serviços religiosos serão transmitidos por alti-falantes, e abrilhantarão esta procissão a Banda dos B. Voluntários de Amares com as suas lindas e comoventes marchas fúnebres.

TODOS A RENDUFE COM A MAIOR DEVOÇÃO E RESPEITO.

ZÓZIMO S. RAMOS

MÉDICO

Consultas, com hora previamente marcada, aos sábados e domingos.

Na rua de São Marcos, n.º 127-1.º, em Braga

VENTOS DA SERRA

Novela por Manuel Rocha

(Continuação do número anterior)

Ao outro dia acordei cedo: o tempo lá fora continuava hostil e a chuva caía raivosa nas vidraças das janelas e de quando em quando o trovão ribombava com fragor; o vento bramava enrouquecido pelas fendas da madeira e eu, na indolência morna da cama espreguiçava-me saporosamente olhando quase satisfeito lá para fora.

De repente chegaram-me bem nítidas as badaladas do sino da capela trazidas pelo vento. Mas... o toque era de finados!—quem teria morrido? O sino acabou por se calar e se a minha tia não tivesse entrado no quarto com o café ter-me-ia esquecido de que morrera alguém. Mas... para dizer alguma coisa, perguntei-lhe ainda com voz sonolenta:

—Quem é que teria morrido?

—É o que eu te tenho dito tanta vez, menino...! O teu pai havia de te tirar essa mania de ir à noite para casa do João. Que isso é só mania! Ainda te sucede alguma... e depois, nem aí nem meio aí! Enquanto não ficares escarmentado não ganhas juízo.

Então com uma noite daquelas... parecia que a erra vinha abaixo...! não apareces molhado como um pinto e amarelo que nem sei o que te teria acontecido pelo caminho.—Que sempre é forte a mania! Não tens aqui ao pé da porta, casa para onde ir passar o serão? É o que eu digo...

—Mas afinal quem é que morreu?—já começava a estar cheio da conversa.

—O Quintino que mora mesmo em frente à casa do teu tio, sabes onde é?

—Sei, mas... ele estava doente?

—Não, coitado. Deixa a mulher com uma rebanhada de filhos, não sei se sete ou oito, sem uma côdea para comer!

Que ele, coitado, também vivia do que dava o emprego lá em cima nas minas!

E agora, com este inverno, ainda a meio, não sei o que há-de ser! Pôr o pé fora da porta não se pode, nem para apanhar o saquito de pinhas nem o molho de urze.

!É assim!

—Mas afinal como é que ele morreu?

—Foi ontem à noite quando vinha lá de cima da estrada de Arouca. Tiveram que trabalhar mais umas horas... parece-me que a escorar uma mina! quando saiu lá de cima já passava muito das sete e olha que até ao cruzamento é uma légua farta. Mas lá se meteu ao caminho a ver se chegava a casa antes que desabasse o temporal.

Mas qual quê! Ainda não tinha chegado ao cruzamento da estrada de Rebordelo com a de Arouca, tu sabes onde é... mesmo à beira do convento... já a chuva caía que Deus a dava! Pelos vistos parece que se quis abrigar no convento e ali ficou à espera

que o temporal abrandasse. Mas qual quê! esteve toda a noite pegada.

Hoje de manhã foram encontrá-lo morto. Coitado, já velho, parece-me que passava dos cinquenta, o frio e o temporal deram cabo dele! É mesmo uma desgraça... aí fica a família ao Deus dar! E agora deixa-me ir para baixo que tenho mais que fazer do que estar aqui a aturar-te.

E desandou ligeira pela escada batendo com estrépito a porta.

Fiquei longo tempo mergulhado em fundo torpor; à minha volta os contornos foram-se esbatendo e tornou a aparecer na minha frente o cenário sinistro da noite passada.

Qualquer coisa tornou a mexer-se no fundo do claustro; entre duas colunatas apareceram uns braços ansiosos chamando-me...!

Passei as mãos pela testa húmida. Afinal aqueles braços não eram uma alucinação, não eram os ramos de carvalho açoutados pela ventania, mas um homem que agonizava lentamente, esbravejando nos últimos momentos de lucidez.

—Imbecil, que deixaste morrer um homem, fugindo cobardemente, espicaçado por esse teu estúpido medo... medo, sim...! Imbecil, imbecil! —sussurrava alguém dentro de mim mesmo.

Mas... que me importa tudo isso?

Nada! Mais um que desapareceu! Eu continuarei a ser o sr. tal e os outros...!

Que tenho eu a ver com os outros? Nada!

Fim

Manuel Lima Bastos

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

o devido respeito—é ponto de fé que, um receptor de furtos, é 100.º mais ladrão de que o que pratica o roubo, com a agravante de que se não fossem estes miseráveis incobridores, não haveria tantos gatunos. Esperemos agora o julgamento para ver se é ou não como pensamos, e honra seja feita aos agentes da ordem pela sua acção, em dar caça a estes ratoneiros.

Sociedade de Educação e Recreio de Vila Verde

Começaram, ontem, dia 23, as obras para a construção deste edifício na avenida da cadeia comarcã, com abertura de caboucos, o que chamou ao local muitas dezenas de curiosos, muitos dos quais um pouco incrédulos na realização

de uma obra de projecção como esta, tanto no concelho, como além fronteiras.

Ao fim da tarde foram as mesmas obras visitadas por Sua Ex.cia o Presidente da Câmara, que apreciou o projecto e os trabalhos em curso, louvando a iniciativa da comissão e mormente a persistência do presidente da mesma, Dr. António Ribeiro Guimarães, alma desta máquina assente em sólidos «carris» que alheado de tudo que à sua volta gira e nunca descurando os seus deveres profissionais, arrostou com uma tremenda responsabilidade. Bem haja, Senhor Dr. Guimarães.

Presidente da Câmara

Para Lisboa segue amanhã dia 26, o Senhor Dr. António dos Santos Ferreira, prestimoso Presidente da Câmara, que vai tratar com as entidades respectivas, de assuntos do nosso concelho, com o seja: A nova ponte sobre o rio Homem que está já comparticipada, a electrificação da Ribeira de Neiva, ponte de S. Vicente, Sande, Vilariño, Lage e Turiz e a parte que falta na freguesia de Coucieiro; a construção do corêto e retretes no Campo da Feira e ainda a aprovação do Plano de Urbanização que tanta falta faz para a regularização dos pavimentos da Vila, já aprovada, e que não se pode iniciar sem que aquele plano seja aprovado.

Se Sua Ex.cia for atendido pelas esferas superiores, o que é de crer. Vila Verde, verá assim, satisfeitas as suas aspirações, aliás justíssimas, pois todas as obras aqui inúmeras são de necessidade premente, mormente os urinóis, por que não faz sentido que numa Vila como esta e ainda para mais sede do 2.º concelho do país, não haja um urinól público, e os visitantes tenham que recorrer às privadas particulares.

Dr. Bernardo de B. Ferreira

Para Lisboa, segue também no dia 26 do corrente, o nosso Ilustre amigo Dr. Bernardo de Brito Ferreira, muito digno Provedor da Santa Casa da Misericórdia, que juntamente com o Senhor Presidente da Câmara, vão avistar-se com o Senhor Sub-Secretário d'Assistência, da construção do novo edifício hospitalar.

Dr. Francisco António Gonçalves

Também este nosso amigo segue para Lisboa, no dia 26, afim de tratar de assuntos respeitantes ao Grémio da Lavoura de Vila Verde e na qualidade de Vice-Provedor do nosso Hospital também acompanhará os Senhores Drs. Bernardo de Brito Ferreira e António dos Santos Ferreira na entrevista que pretendem junto do Senhor Sub-Secretário d'Assistência.

Tribuna de Vila Verde, deseja boa viagem a estes Ilustres Vilaverdenses e um breve regresso com todas as suas petições satisfeitas.

D.

RECORTES

(Continuação da 1.ª página)

«almoço».

«Victor Hugo fazia o seu prato com favulosas misturas de costeletas, com feijão e azeite, carne de boi temperada com tomates, omeletes de presunto, um pouco de mostarda e queijo Brié e tudo isso consumia com rara sofreguidão».

Ele nunca descascava uma laranja dizia um dos seus parentes. Mordia e comia-a com casca e tudo. Chegou muitas vezes, quando a laranja não era grande, a metê-la inteiramente na boca.

Gostava muito de lagostas e comia tantas quanto se lhe oferecessem e, depois de devorar umas boas duzias delas, bem contadas, afirmava, com serenidade olympica, que as lagostas faziam engrossar as carnes..

Alphonse Karr que, frequentemente foi hóspede de Victor Hugo, declarou certa vez, que, em casa do poeta, a carne não era «nem

sumptuosa nem variada», mas era extremamente copiosa.

E, para melhor acentuar essa abundância, Alphonse Karr usava uma expressão demasiado agradável, mas bastante homérica.

Victor Hugo era formidável e homérico em tudo. Excedia sempre a escala comum. O seu génio era tamanho que fazia transbordar todas as medidas.

Ele ditava tresentos versos a fio e compunha suas obras com uma facilidade e uma profusão que causava assombro. E a maneira com que se alimentava, era a demonstração do seu poder verbal.

Seu apetite pantagruélico, sempre excitado e resistente, assemelhava-se a seu génio fabuloso, aquela virtuosidade esplendida que se espargia em ondas impetuosas, como uma torrente de imagens, como uma maré irresistível de metaphoras e de rythmos.

RETRATO

Corpo informe, lembrando um touro, pura raça,
Arremete o monstro em louca fúria de hestrião.
E desprezando o bom senso, a justa razão,
Faz do vê-lo às marradas pela vasta praça.

De mentira em mentira ou trapaça em trapaça,
Não há quem leve a palma ao nescio fanfarrão.
Exímio candongueiro, ousado charlatão,
Em tudo mais tropeça, em tudo mais fracassa...

Mas porque em certo ambiente impera a fantasia
Da mais reles, da mais porca e suja sapiência,
O nosso grande herói tem sempre a primasia.

E aos coices à gramática, à filosofia,
Lá vai vociferando com toda a inocência,
O herói pelintra desta ingente apologia. A. S.

Comemoração do dia 5 de Abril de 1957

Saudações aos benfeitores
Da Senhora da Abadia,
Porque vem, com alegria,
Ofertar-lhe seus favores.

Avé Virgem!!..Luz do Céu,
Farol de esp'rança nos guia,
Livres de todo escarcéu
À Senhora da Abadia.

Parabéns à digna Mesa
Da veneranda Abadia
Pois tem viva primazia
Em lhe dar graça e beleza.

Avé Virgem!.....

Pedir paz, pedir ventura,
Vinde crentes e fieis.
Tudo aqui receberéis
Em bençãos da Virgem pura.

Avé Virgem!.....

A. Fernandes

ALFAIATARIA "BELCORTE" DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confeciona fatos para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA
CORTE ESMRADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE",

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR—AMARES

Tribuna Desportiva

Notas de reportagem do jogo

Sporting de Braga-Salgueiros

Assistimos no pretérito domingo no Estádio 28 de Maio, ao jogo Sporting de Braga-Salgueiros, a contar para a fase final do Campeonato da II Divisão Nacional.

Jogo que despertou grande interesse e entusiasmo, devido a duas equipas se mostrarem candidatas ao título.

Gostamos sobremaneira como o jogo decorreu, pois ambos os grupos foram enérgicos e leais. A equipa local entrou no terreno decidida a alcançar o triunfo, que aliás foi de inteira justiça.

Notamos em todos os jogadores bracarenses uma notável força de vontade e de certo modo um brio que a ser repetido em todos os jogos, poderemos dizer que será difícil vencê-los.

O grupo Salgueirista que se deslocou com uma enorme falange de apoio actuou em plano inferior, podendo até dizer-se que a equipa não possuiu conjunto capaz de sair vitorioso desta dura prova.

Para já será difícil arriscar-nos qualquer prognóstico acerca do vencedor, mas o certo é que poderemos afirmar que as equipas do Minho estão em melhores condições para vencer e são melhores.

Tivemos a oportunidade de presenciar quanto é grande o

número de associados e adeptos do Clube portuense, dando-nos até a impressão que a equipa salgueirista actuava no seu terreno.

Vejamos como se torna grande um clube. Quanto maior for o número de sócios e adeptos, maior se torna a colectividade. Nesse aspecto, Braga tem muito que recuperar. Não basta apoiar o Sporting, temos de contribuir monetariamente para o seu engrandecimento.

Braga, a cidade, o concelho, tem de corresponder às necessidades do seu grupo representativo; é até lamentável dizer-se que o Sporting de Braga

apenas conta dois mil associados aproximadamente. Estes não chegam e são precisos muitos mais.

Não é só criticar as atitudes ou as decisões dos seus dirigentes, nem as actuações dos jogadores, que muitas vezes dispendem energias e esforços, quase sempre mal interpretados. É necessário que uma cidade como Braga, com cerca de quarenta e cinco mil habitantes, corresponda às necessidades e exigências que o Clube requer, para o seu engrandecimento.

Temos de convir que os associados do Sporting têm de contribuir sempre com as suas cotizações e deixarem-se de não as pagar por influências de resultados.

E sendo assim e se todos contribuírem, o Sporting de Braga, continuará a angariar inúmeros associados, simpatizantes e cada vez engrandecerá o seu nome, o da cidade e de todos os seus adeptos.

António F.

PRIMAVERA DE 1957

Este ano a Primavera entrou sanhuda,
Ela cujo sorriso me estonteia,
Traz a fronte enrugada, carrancuda
Como qualquer mulher senil e feia.

Ela que ao poeta a chama ateia
Da inspiração, tornando-a mais aguda,
Com um cariz assim nem uma ideia
Lhe faz vibrar na lira queda e muda.

Ela que vinha sempre sorridente
Nua de nuvens e de sol vestida
Encher d'aromas todo o ambiente,

Entrou mal-encarada, aborrecida;
Não traja o manto azul resplandecente,
Vem num manto de crepes envolvida.

UERBA

Album de coisas várias

António Maria Santos da Cunha manter-se-á na Presidência da Câmara Municipal de Braga. Assim o impôs a cidade, assim o impôs a política nacional que, como política que é, agrada a uns e desagradava a outros.

Como já disse algures, não tenho palavras, não possuo talento, não me considero detentor daquelas qualidades jornalísticas que me permitam, com fogo e ardência, consagrar a notável e querida personalidade do Presidente do Município bracarense. E talvez por uma razão elementar: por não perceber nada de política, incapaz que sou de adular seja quem for. Mas sempre que me encontro perante Santos da Cunha, perante a sua obra, foguei-me os olhos para a sombra amiga do Homem simples que ele é, que sempre me habituei a ver. Se dele alguma vez tiver que pintar um retrato, plasmar um busto, orquestrar uma epopeia, certamente que me cingirei, única e simplesmente, ao Homem sem o brilho das lantejoulas oficiais, sem a garbosidade enaltecedora política que ele observa com o todo o esplendor do seu espírito doutrinário e fascínio construtivo. Ao Homem sem as roupagens e os adornos e a rigidez dum tarefa pública que cumpre, orienta e estimula e acarinha com a humildade do seu coração e o fogo da sua alma cristã.

Contentar-me-ei em falar apenas com o amigo.

* * *

Já tive ocasião de trabalhar sob a sombra da sua presença. E embora tivesse já tido o prazer de o tocar de perto com

os olhos foi, na minha ocasional passagem pela Redacção do «Correio do Minho», que verdadeiramente pude avaliar na intimidade, quanto apreço e admiração que por ele nutria. Desde então, António Maria Santos da Cunha dignou-se obsequiar-me com a sua atenção, com a sua palavra amiga e encorajadora, com a sua amizade—creio-o! Para mim, pequeno e comum elemento da humanidade, a amizade deste Homem tornou-me mais difícil a tarefa de escrever a seu respeito. É que não há palavras que definam os nobres e puros corações, as grandes e belas almas. Desses seres não se fala: contemplam-se.

* * *

Contemplam-se.

Senhor Presidente da Câmara de Braga: a cidade de Braga acompanha-o fiel e dedicadamente na nova etapa de trabalhos e de responsabilidades que se prolongarão por mais um ciclo de realizante tarefa, espinhosa, dominadora, desgastante, por certo. E nós sabemos que os seus olhos se lançarão para o horizonte do futuro, na ansiedade meditativa de continuar a OBRA, maravilhosa e notável, em que todos nós estamos empenhados sob a sua clarividente inteligência.

A mim resta-me somente, olhando o céu e espreitando para o cume clorido das colinas, contemplar, com a alma iluminada pelo clarão da mensagem mais sublime e mais humana, o voo magnífico do condor que os céus abençoam.

J. M. (J.)

Folhetim da "Tribuna Livre,, 14

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

—Vai casar.
—Ah! sim!
—Se eu lhe arrendar a quinta.
—E casa com quem?
—Com a rapariga mais linda e alegre destes sítios.
—Então é com a Maria Teresa do Monte.
—Ora é com essa!
—Boa rapariga leva ele; note-se que o José também é bom rapaz e, de facto, estão bem um para o outro.
—Se ele vai bem casando com ela, a Maria Teresa não podia ir melhor, sendo sua mulher.
—Pois o seu casamento, segundo julgo, está dependente de eu lhes arrendar as terras.
—Mais uma razão de peso para eu lhes entregar, senhor Morgado.
—Porquê?
—Porque, assim, também contribuo com a minha quota parte para esse casamento que desejo seja feliz, visto que um e outro são pessoas de bem e eu amigo dos dois.
—Então vou mandar chamar o rapaz e se chegarmos a um acordo, como espero, já pode marcar o grande dia!
—E eu, depois do senhor Morgado me assinar a rescisão do contrato, vou ver se lá a minha Joana me dá o caldo e umas sôpas.
—Pois bem, se assim o queres, se assim o desejas, Manuel Gaspar.
—Ponha aqui o preto no branco e tudo fica em ordem.
O Morgado assinou a rescisão do contrato de arrendamento da quinta do Vale com o caseiro Manuel Gaspar e a propriedade ficou, automaticamente, dali em diante, na posse efectiva do proprietário.

Ao outro dia o Morgado mandou chamar o José e logo que ele chegou perguntou-lhe:

—Então, José, ainda estás disposto a tomar de arrendamento a quinta do Vale?

—Sim, senhor Morgado, logo que o Manuel Gaspar rescinda o respectivo contrato.

—Rescindi-o ontem.

Primeiro vamos ver se chegamos a um acordo e depois vamos então, para a adega.

—Parece-me que está com receio...

—Não senhor, que ideia!

—Pois olha que com uma malga de vinho aquecemos o estômago e, assim, tratamos melhor do assunto.

—Se é esse o desejo do senhor Morgado, vamos, então, para a adega.

—Depôr bem os espíritos com o delicioso sumo da uva...

—Pois sim...

Depois de beberem cada um a primeira malga de vinho, do melhor, o Morgado dispunha-se a encher a segunda quando o José lhe disse:

—Agora, enquanto não discutirmos e arrumarmos o assunto não bebo mais, senhor Morgado.

—Tu, afinal, bebes pouco.

Nem parece que foste nado e criado entre as vinhas!

—Só bebo quando tenho sede e, mesmo, assim, nem sempre bebo vinho...

—Pois água—dizem que faz criar rãs na barriga.

É claro que não falo por experiência própria!...

Acho que a água, quando há vinho, deve ser aplicada em outras coisas, como, por exemplo, nas lavagens, nas regas...

—Em que condições me arrenda, senhor Morgado, a quinta do Vale—perguntou o José para não perder tempo.

—Tu conheces bem a quinta?

É, talvez, a melhor da freguesia!

—Conheço, sim senhor, e não é má.

Pois por ser para ti—e tendo, ainda, em atenção que deste arrendamento depende o teu casamento para já—vou expor as condições que são de aceitar com as mãos ambas.

(Continua)

MONOGRAFIA DO NONCELHO

Continuação da 1.ª página

te característicos da época de cada um, o apetecido remanso das terras de Amares, para curar no sossêgo e na solidão os anelos e a insaciedade de suas almas de eleição, atormentadas pelo bulício do mundo.

Em princípios de século XII, um cavaleiro, de nome Paio Amado, grande valido do conde D. Henrique, não hesita em trocar a vida do paço de Guimarães pela do eremitério do monte de S. Miguel da Abadia, entregando-se aí à mais áspera penitência, sob as ordens e o exemplo do mestre-cenobita frei Lourenço, uma vez que a morte impiedosa, arrebatando-lhe a esposa querida e a tenra filhinha, o deixara sem família.

Não causou pequena sensação entre os ricos-homens do seu tempo nem ficou sem imitação o extraordinário gesto deste fidalgo penitente.

Reservemos o caso para novo capítulo.

No segundo quartel do século XVI, Sá de Miranda, que cursou Leis e regeu cadeiras da Universidade e foi o grande mestre do Humanismo, o Reformador da Poesia vulto dos mais dignos de admiração de todos os tempos das Belas-Letras portuguesas; tendo visitados e demorado em Nápoles, Florença, Sicília, a beber das fontes vivas do Renascimento, por serem os mais distintos centros da cultura; de conhecer e relacionar-se com famosos literatos, Petrarca, Sannazaro e Vittoria Colonna que brilhavam no então mundo latino civilizado:

Vi terras, vi costumbres diferentes

Vi Roma, vi Veneza, vi Milão quando regressou a Portugal e tomou os primeiros contactos com o ambiente da vida palaciana, logo reconheceu que:

*Homem de um só parecer
Dum só rosto e d'na fé
Dantes quebrar que torcer,
Outra cousa pode ser,
Mas da corte homem não é.*

Deste seu «retrato moral», de que sobressai a índole austera e grande nobreza de carácter, o Autor não se acomoda ao sistema de intrigas e dos escândalos que a pureza dos seus preconceitos descobre na alta sociedade do seu tempo e decide refugiar-se Entre-Minho e Douro junto do Neiva, aceitando a comenda das Duas Igrejas, de que D. João III lhe fizera mercê.

Vou fugindo às armadilhas Que via armar e tecer...

E daí esforça-se por satisfazer um ideal de vida simples e tranqüila, embelezada pelo culto da Arte, até vir instalar-se no sopé do monte de S. Pedro Fins, a cumprir votos expressos desde a mocidade:

*Naquella serra quero ir morar
Quem me bem quizer, lá me irá buscar.*

Ficou a respirar a longos traços o idílio dos campos, por que suspirava entre manifestações de sincero prazer eivado da tristeza que sempre o acompanhou, nestas mesmas poesias a recordar os cantares das moças ao desafio nas romarias do Minho:

*UMA
Nestes povoados
tudo são requestas;
deixai me os cuidados,
que eu vos deixo as festas!
D'aquellas florestas
verei longe o mar:
pôr-me-hei a cuidar.*

*UMA
Não julgue ninguém
nunca outrem por si!
mais d'am bem que vil
a vida nam tem.
Não deixa este bem,
onde se ele achar,
mais que desejar.*

*A PRIMEIRA
Naquella espessura
me hei de ir esconder!
venha o que vier,
achar-me-hei segura.
Se tal bem nam du'a
ao seu passar
tudo ha d'acabar.*

Fez da sua Quinta da Tapada uma verdadeira «corte na aldeia» que ergueu a altura do Templo das Musas.

Vieram ali ouvi-lo e consultá-lo os mais fervorosos discípulos e admiradores, que constituiram, no dizer da insigne D. Carolina Michaëlis, a célebre Arcádia de Entre-Douro e Minho.

Continua no próximo número

Tribuna de VILA VERDE

Deliberações da Câmara Municipal em sua Sessão de 21 de Março de 1957

—OFÍCIOS—

Da Direcção dos Serviços de Urbanização, de Braga, enviando um mapa dos trabalhos referente ao lanço de estrada que liga Valbom S. Pedro a Valdreu. Inteirada. Da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, solicitando se já foram realizadas as terraplanagens no terreno destinado à escola de Covas de Aboim. A Junta de freguesia para informar.

Do Senhor Presidente da Junta de Freiriz, pedindo a quantia de 1.920 escudos, para reparação dum caminho destruído pelas últimas chuvas. Deferido. Do Senhor Presidente da Junta, de Cabanelas, pedindo a intervenção da Câmara a fim de obrigar uma proprietária daquela freguesia que não respeitou a intimação da Junta, para cortar um carvalho que prejudica o trânsito. Ao Capataz para os devidos efeitos.

Requerimentos

De Teresa Correia de Araújo, de Cervães, pedindo para que a David de Oliveira Santos, seja proibido a extracção de barro junto de uma servidão de consortes. Ao Capataz para informar.

Do Senhor Presidente da Junta de Vila Verde, enviando um baixo assinado por vários moradores do lugar do Ourteirinho, pedindo o arranjo do caminho Municipal, que partindo dos Paços do Concelho, liga à estrada do rio homem.

Ao capataz para apresentar o orçamento respectivo.

Assistência

Foi concedida a António Joaquim Alves, de Penarrais, para tirar uma radiografia.

A Ermelinda Ribeiro Gonçalves, da Lage, pedindo uma consulta no Hospital de S. Marcos Braga.

A Maria Julia Alves, de Ponte de S. Vicente, para fazer tratamento no Hospital de S. Marcos, em Braga.

Licença para obras

A Francisco da Costa de Turiz, para construir um muro na sua propriedade, junto ao caminho público. Deferido.

A Francisco da Cunha, de Carreiras S. Tiago, para construir uma casa e abrir duas portadas junto do caminho público. Deferido.

A Alexandre Fernandes de Campos, de Arcozelo, para construir uma casa à face do caminho público. Deferido.

A Dr. Mário Malheiro Reimão Nogueira, de Prado S.ta Maria, para construir um muro à face do caminho. Deferido.

do.

A Eugénio Manuel da Ponte de S. Vicente, para construir uma ramada à face do caminho público. Deferido.

A Isabel Ferraz de Sousa, de Soutelo, para vedar uma propriedade a arame. Deferido.

A Luíz Oliveira Gomes, de Parada de Gatim, para fazer limpeza num cano colocado no caninho público, para rega nas suas propriedades. A Junta para informar.

—O saldo da Câmara Municipal de Vila Verde, depositado na Caixa Geral de Depósitos, era em 21 de Março de 1957, de 132.485\$50.

Acto de heroísmo

Na passada 5.ª feira, 21 do corrente, e quando brincava com uma sua irmãzita, caiu a uma pôça com aproximadamente um e meio metros de águas fluviáes, Mário José Balreira da Silva, de 4 anos filho do Sr. Mário Joaquim da Silva e sua esposa D. Maria Alice Balreira da Silva, conceituados comerciantes nesta Vila. A irmãzita, Maria Helena Balreira da Silva, de 6 anos de idade, ao dar pela falta de seu irmão e presentindo que ele teria caído no buraco, dirigiu-se para ali e notando que lutava com a água chamou por socorro, ao mesmo tempo que lhe dava a sua débil mão para o puxar para fora do buraco, evitando assim um grave desastre.

Actos de tanta abnegação

como este, praticados por uma criança de 6 anos, não podem ficar no esquecimento.

Serviçal infiel

Na nossa correspondência anterior demos a notícia de a epígrafe acima e que voltamos a relatar o caso para sabermos que sr. Cabo Mineiro, muito competente e mandante do Posto da G.N. de Vila Verde, não descaeria em apurar totalmente o caso. E assim, nós, também não descuramos o assunto portanto, podemos dar-lhe por concluído, este asqueroso crime, informando os nossos leitores da posição de dois rigorosos gatunos. O autor do roubo Manuel das Neves Rocha, que há muito vinha roubando seu patrão, Sr. Francisco Fernandes Dias, comerciante em Portela do Vade, do concelho, confessou o crime, mas acusou o João Manuel Sousa — o «manivela» de lhe comprar os objectos furtados. O «manivela» chamado ao Posto, confessou a acusação que sobre ele pendia e entregou a quantia de 13.935\$00, 14 meadas de arame para ramadas e 8 sacos de sulfato de cobre, ficando em liberdade.

O Senhor Delegado do Ministério Público, é que concordou com a situação deste famigerado gatuno e também exerce a profissão de comerciante naquela povoação e mandou-o prender sem admissão de fiança.

Nem outra causa se podia preparar deste inteligente representante do Ministério Público, pois que para nós — sal-

(Continuação da 6.ª página)

É hoje empossado, no alto cargo de GOVERNADOR CIVIL DO PORTO o Sr. Dr. Elisio Pimenta

(Continuação da 1.ª página)

Indefectivelmente nas fileiras do Estado Novo e convictamente no seio da religião católica o seu norte assenta nestes dois amores que, são a causa de todo o seu labor.

Filho do Porto, o Porto vai servir com redubrado carinho e interesse oferecendo-lhe as suas reconhecidas qualidades tão necessárias nestes tempos em que o materialismo e o interesse tudo parecem corromper.

Lugar de destacado comando por ele se verifica da muita confiança que ao Governo merecem os seus dotes intelectuais e de bom nacionalista e a lisura das suas atitudes.

A sua notável acção na cidade de Braga é seguro in-

dice para ajuizarmos do facto que vai rodear o desempenho das funções que agora lhe são entregues e que estamos certos, desempenhará com acerto e dedicação.

Substitui um magistrado íntegro que deixa o cargo prestigiado por uma gestão que a todos agradou. Maior é a sua responsabilidade. Contudo, não se fatará a ela, dentro da directriz que a si próprio traçou de servir integralmente princípios da Revolução Nacional.

«Tribuna Livre» que será representada na posse da sua direcção, daqui salta o primeiro magistrado do Porto a quem deseja as maiores felicidades pessoais e políticas.